

A AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Lívia Soares de França Silva ¹
Maria Luiza Freitas de Sousa ²
Maria Yasmin Albuquerque Alves ³
Virna da Silva Moreira ⁴
Denise Cristina Ferreira ⁵

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar os efeitos e as consequências da automedicação na população idosa, antes e após o surgimento da pandemia do Sars-Cov-2. Uma vez que, com os efeitos da pandemia o uso de medicamento sem prescrição teve um nível bastante elevado, especialmente entre a população idosa, visto que, há uma carência de informação para eles a respeito dos efeitos negativos da automedicação, como apontam algumas pesquisas. Tomando como ponto de partida uma revisão integrativa por meio dos bancos científicos da área da saúde, procuramos discutir a temática. Partindo de uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo, obedecendo uma ordem cronológica das publicações, com temas que versaram sobre a automedicação em idosos no contexto da pandemia. Verificou-se diversos prejuízos à saúde dos idosos por conta da automedicação, já que, suas características metabólicas aumentam a probabilidade de interações medicamentosas e outras adversidades. Além disso, no contexto pandêmico, houve uma crescente procura por medicações sem prescrição de um profissional de saúde qualificado. Desse modo, foi usado Ivermectina, Cloroquina e hidroxicloroquina como preventivo, sem efeitos comprovados, na qual, estes beneficiariam no tratamento ou cura do vírus Sars-Cov-2. Entretanto, todo este senso comum foi desmistificado. Portanto, os efeitos adversos que a ingestão desses medicamentos causa, a longo prazo, podem ser perigosos para essa classe, resultando em problemas físicos e mentais. Em vista disso, é essencial o acesso facilitado à atenção farmacêutica para a população idosa, garantindo-lhes informações racionais.

Palavras-chave: Automedicação, Coronavírus, Geriatria, Idosos, Medicamentos.

INTRODUÇÃO

¹Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, soareslivia12@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, luiza.freitas@estudante.ufcg.edu.br;

³Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, maria.yasmin@estudante.ufcg.edu.br;

⁴Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, virnamoreiraips123@hotmail.com;

⁵ Dra. Em Ciências Sociais e professora do centro de saúde e educação da Universidade Federal de Campina Grande –UFCG, denise.cristina@professor.ufcg.edu.br

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2020), os casos de pneumonias virais começaram a surgir no final do ano de 2019, todos ligados a pessoas que frequentaram o Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Hunan em Wuhan, capital de Hubei, na China, em 31 de dezembro de 2019. Após a notificação do primeiro caso da doença, houve uma rápida propagação por todo o mundo, que com estudo descobriram ser um novo patógeno, o SARS-CoV-2. O novo vírus, causador da COVID-19, foi confirmado em circulação no Brasil em 9 de janeiro de 2020, pela própria OMS e no final do mês, foi declarado uma pandemia. Ademais, os mais impactados com o vírus, sofrem com várias questões sociais, econômicas, políticas, culturais. Conforme a Fundação Oswaldo Cruz (2020), a estimativa de infectados e mortos contribui diretamente com o impacto sobre os sistemas de saúde, com a exposição de populações e grupos vulneráveis, a amparo econômico do sistema financeiro e da sociedade, a saúde mental das pessoas em tempos de isolamento e receio pelo risco de morte, acesso a recursos essenciais como alimentação, medicamentos, transporte, entre outros.

Tendo em vista os mais afetados, podemos citar os idosos, isso porquê, para Romero *et al.* (2021) o perfil de saúde da população idosa brasileira é um fator de alto risco para a COVID-19, já que a idade produz mudanças no organismo e a prevalência de doenças crônicas não transmissíveis é alta. Ademais, o autor também menciona o sofrimento do idoso ao aderir às medidas de distanciamento social total, enfrentando internamente sentimentos de solidão, ansiedade e tristeza. Além disso, de acordo com as definições da OMS (2000), a automedicação é a seleção e uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas, oferecendo mais riscos à população idosa. Desse modo, com a manutenção da pandemia, Júnior e Gonzalez (2021) citam que o número de pessoas que fazem um autodiagnóstico e conseqüentemente a automedicação, vêm aumentando de forma absurda, agravado na população idosa por fatores supracitados relacionados a idade avançada desse grupo.

Além disso, Melo *et al.* (2020) também afirmam que um outro intensificador para essa automedicação no cenário atual, é a propagação excessiva de notícias sem fontes seguras e verdadeiras. Um exemplo disso, foram as demasiadas divulgações do “tratamento precoce” e do “Kit-Covid”, que incluíam medicamentos como ivermectina, cloroquina e hidroxocloroquina. Com esses incentivos, a procura por tais remédios alavancou de forma absurda. No qual, somente no caso da ivermectina, o fármaco teve um crescimento de aproximadamente 829% no ano de 2020, mesmo sem as necessárias evidências científicas e efetividade clínica desse tratamento. Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo

contextualizar a automedicação da população idosa, antes e após o surgimento da pandemia da COVID-19, e, como isso impactou na saúde desta geração, especialmente, pelas consequências que esta prática resulta.

METODOLOGIA

O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo. O estudo bibliográfico trata-se de uma elaboração apurada sobre determinado tema com material já elaborado constituído principalmente de artigos científicos (SEVERINO, 2007). Já a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos ou digitais, como: artigos científicos, teses, dissertações e entre outros. Trata-se também de uma pesquisa descritiva por ter como objetivo descrever as características de determinada temática, população ou fenômeno.

Uma vez que, a pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlacionam fatos ou fenômenos existentes. Para o desenvolvimento deste artigo buscamos analisar fontes de publicações nacionais e internacionais com temas relacionados aos riscos da automedicação em idosos no contexto da pandemia. Tendo em vista a análise de uma literatura especializada incluindo revistas e artigos científicos. Através do portal da biblioteca virtual de saúde (BVS), que possui sites como: Scielo, Lilacs, Medline. Além desses consultamos a plataforma da Pubmed e o portal do periódico da CAPES, tendo em vista a análise de artigos no Infarma e entre outros, usando os descritores idoso, COVID – 19, automedicação, saúde, levando em consideração os últimos cinco anos, no que diz respeito, a temática da automedicação e do último ano no que concerne ao uso de medicamentos para a intervenção dos efeitos do SARS-Cov-2

O universo da pesquisa foi composto inicialmente por 100 artigos científicos. A partir da compilação e análise dos temas foram escolhidos para contribuir com este trabalho apenas dez artigos. No processo de compilação levamos em consideração as publicações nacionais e internacionais com datas recentes. Através da leitura dos resumos dos artigos pudemos perceber os mais importantes para o debate em questão. Todos os artigos analisados demonstraram preocupação com os efeitos da automedicação em idosos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa revisão bibliográfica foram utilizados os artigos do quadro 1, a seguir, que demonstra a relação dos textos selecionados para o estudo com base no seu título, ano de publicação e autores. Dessa forma, analisou-se em ordem cronológica o cenário da automedicação antes e após o início da pandemia e como isso afetou a população idosa.

Quadro 1: Artigos selecionados para discussão da pesquisa (autor e ano, nome do artigo, plataforma e revista).

Nº	REVISTA	AUTOR/ ANO	PLATAFORMA	NOME DO ARTIGO
1	LILACS	(Silva e Fontoura, 2014)	Revista de Divulgação Científica Sena Aires	Principais Consequências da Automedicação em Idosos
2	INFARMA	(Monteiro, Azevedo e Belford, 2014)	Infarma- Ciências Farmacêuticas	Automedicação em Idosos de um Programa Saúde da Família, Brasil
3	SciELO	(Arrais et al., 2016)	Revista de Saúde Pública	Prevalência da Automedicação no Brasil e Fatores Associados
4	SciELO	(Garcia et al., 2018)	Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia	Automedicação e Adesão ao Tratamento Medicamentoso: Avaliação dos Participantes do Programa Universidade do Envelhecer
5	BVS	(Silva et al., 2019)	J. Health NPEPS	Acesso e Implicações da Automedicação em Idosos na Atenção Primária à Saúde
6	ResearchGate	(Filho et al., 2020)	Research Society and Development	Riscos da Automedicação em Idosos Acometidos Pelo Coronavírus e Outras Síndromes Respiratórias
7	SciELO	(Ferreira e Adricopulo, 2020)	Estudos Avançados	Medicamentos e Tratamentos Para a COVID-19
8	PubMED	(Shah, 2020)	Journal of Clinical Pharmacy and Therapeutics	Chloroquine And Hydroxychloroquine For COVID-19: Perspectives On Their Failure In Repurposing
9	PubMED	(Popp et al., 2021)	Cochrane Database Systematic Reviews	Ivermectin For Preventing And Treating COVID-19
10	SciELO	(Romero et al., 2021)	Cadernos de Saúde Pública	Idosos no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil: Efeitos Nas Condições de Saúde, Renda e Trabalho

Fonte: Elaboração própria dos autores, (2021).

Segundo Silva e Fontoura (2014) as alterações fisiológicas e físicas que os idosos apresentam, trazem por consequência um aumento da sensibilidade aos efeitos adversos e terapêuticos dos fármacos. Foi observado, que na população idosa as reações adversas dos medicamentos são de 4 a 7 vezes maiores do que em jovens e adultos, porque neles há uma dificuldade da eliminação de metabólitos, que por consequência, traz acumulação de fármacos no organismo. Além disso, o risco de ocorrência de interações medicamentosas aumenta em 13% com o uso de dois agentes, 58% quando este número aumenta para cinco e 82% quando são consumidos sete ou mais medicamentos. Essas interações ocorrem principalmente quando há uso inadequado, devido a problemas visuais, auditivos e de memória, por isso, as possibilidades de acontecer com os idosos são maiores. Logo, analisa-se que a automedicação traz consequências ainda maiores na população idosa, sendo recomendado a inibição da sua prática.

Monteiro, Azevedo e Belford (2014) analisaram a automedicação em idosos de um programa de saúde da família, entre os meses de agosto e novembro de 2013. Nisso, identificaram que a prevalência da automedicação nos 15 dias anteriores a participação do estudo foi de 67%, sendo que os medicamentos mais citados foram os analgésicos e os anti-inflamatórios, com prevalência de 46,15% e 22,31%, respectivamente. Esses fármacos vão ao encontro dos sintomas mais declarados na pesquisa, que são dor (65,26%), e febre (16,84%). Além disso, de acordo com a pesquisa, os motivos que levam os idosos a automedicação são o conhecimento e uso prévio do medicamento com 39,24%, a falta de tempo para buscar profissionais e serviços de saúde com 20,25% indicações de conhecidos com 16,46%. Apesar disso, 8,96% deles relataram problemas relacionados ao uso do medicamento, mas sem procura de assistência médica. Os autores ainda concluem que, mesmo fazendo uso de medicações prescritas os idosos ainda praticam a automedicação, e isso está bastante relacionado com a baixa conscientização acerca dos riscos que essa prática apresenta, além disso, há uma dificuldade, para eles, de acesso aos serviços de saúde, principalmente, pela condição física precária que muitos têm para a locomoção até uma unidade básica de saúde, por isso, preferem mitigar os desconfortos fazendo o uso de medicamentos não prescritos.

Arrais et al. (2016) analisaram a prevalência e os fatores associados a automedicação no Brasil, através dos dados da Pesquisa Nacional de Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de medicamentos (PNAUM), coletados entre setembro de 2013 e fevereiro de 2014. No qual, foi constatado que pessoas com mais de 60 anos tem uma taxa de automedicação de 14,4%. Dentre os medicamentos utilizados para esse fim, está em segundo nível os do grupo terapêutico, sendo eles: analgésicos, relaxantes musculares, anti-inflamatórios ou

antireumáticos. Visto que, esses fármacos são medicamentos de fácil aquisição, por serem medicamentos isentos de prescrição. Porém sabe-se que, esse fato não exclui os perigos da automedicação, como; a intoxicação, distúrbios gastrointestinais, reações alérgicas e efeitos renais.

Garcia et al. (2018) avaliaram a Automedicação e a adesão ao tratamento medicamentoso dos participantes do programa Universidade do Envelhecer, no período de abril a dezembro de 2017. No estudo foram utilizados dois métodos de avaliação que diferem entre si nos questionários, tempo de avaliação e critérios de automedicação. Por isso, atentando-se a consonância dos critérios de medicação, cabe destacar os resultados da escala MGL. Na qual, 78,8% dos idosos foram considerados não aderentes ao tratamento de uso contínuo proposto pela equipe de saúde. Entretanto; 22,9% dos idosos declararam terem feito de automedicação nos sete dias anteriores ao estudo, mesmo que 94,5% a considerem perigosa para a sua saúde. Esses dados realçam que a utilização de medicamentos sem prescrição é feita de uso irracional, já que o grupo buscou a automedicação mesmo tendo a disponibilidade da equipe médica e sabendo dos riscos que essa prática traz.

Silva et al. (2019), ao analisarem os acessos e as implicações da automedicação em idosos na atenção primária à saúde do Rio Grande do Norte, no período de janeiro a março de 2016. Identificaram que 47% dos entrevistados relataram estado de saúde regular. Entretanto, utilizavam medicamentos não-prescritos, como os analgésicos e antitérmicos, para as queixas de febre (45%) e cefaleia (7,2%). Desse modo, de acordo com os autores, essa diferença se dá por causa da indisponibilidade dos idosos em frequentar os postos de saúde, frente a possibilidade de fácil aquisição dessas medicações.

Sucessivamente, em relação a pandemia da COVID-19, Filho et al. (2020) constataram que os idosos são o grupo mais vulnerável a contrair a COVID-19, principalmente aqueles que são portadores de alguma doença crônica. Em meio a essa situação, o índice de automedicação aumentou, especialmente, devido a propagação errônea de alguns remédios supostamente eficazes na prevenção e tratamento do vírus. Sobre isso, foi utilizado o medo da população, para vender a Cloroquina como inibidor ou cura para a COVID-19, a mesma, por sua vez, devido ao uso incorreto ameaça causar retinopatia e distúrbios cardiovasculares. Além desse medicamento, a Hidroxicloroquina utilizada para o tratamento de artrite reumatoide, lúpus eritematoso e afeções dermatológicas e reumáticas, também foi apresentada como benéfica para o tratamento precoce da Covid-19, porém, os seus efeitos foram os mais adversos possíveis, causando, também, a retinopatia e arritmia em pacientes com doenças reumatoides. Por isso, a

Organização Mundial da Saúde – OMS, logo esclareceu que o tratamento com essas medicações poderia trazer malefícios a saúde e que, em hipótese alguma, serviria para o vírus do Sars-Cov-2. Contudo, os medicamentos continuaram sendo ingeridos pela população, para esse fim.

Ferreira e Adricopulo (2020) afirmaram que no que se refere ao uso de medicação no contexto pandêmico, a única cientificamente comprovada, que foi benéfica para o tratamento da Covid-19, foi a dexametasona. Pois, por ser um corticoide com propriedades de um anti-inflamatório e imunossupressor, ela diminuiu, significativamente, a taxa de mortalidade em pacientes graves. Em contrapartida, a Hidroxicloroquina, a lopinavir-ritonavir e cloroquina, foram totalmente descartadas quando ao seu uso no tratamento do coronavírus, já que, não apresentam nenhum benefício ao paciente.

Shah (2020) obteve uma revisão dos estudos publicados e dados emergentes sobre a eficácia da cloroquina e da hidroxicloroquina, medicamentos antimalárico, e comprovou a sua falha como reaproveitamento para tratamento e prevenção da COVID-19. Pois, apesar de amplo efeito farmacológico, esses fármacos quando em uso excessivamente ou na presença de outros fatores de risco, é frequentemente um precursor de taquiarritmia ventricular potencialmente fatal conhecida como torsade de pointes (TdP).

Popp *et al.* (2021) avaliaram a eficácia e segurança da ivermectina, fármaco antiparasitário, no tratamento e prevenção da COVID-19, através de uma revisão de bibliográfica dos estudos e dados. Desse modo concluiu-se que, no geral, não existem evidências confiáveis que apoiem o uso deste medicamento para tratamento ou prevenção do SARS-Cov-2.

Romero et al. (2021) ao realizarem um estudo com base nos dados da ConVid – Pesquisa de Comportamentos, entre abril e maio de 2020, analisaram que no que tange as condições de saúde da população idosa na pandemia, mais de 58% dos idosos têm pelo menos uma doença crônica não transmissível de risco para COVID-19 grave. Além disso, a piora do estado de saúde durante esse período foi relatado por 21,9% dos idosos, o que pode ser relacionado aos 47,1% dos idosos que se sentiram muitas vezes/sempr triste ou deprimido durante a pandemia. Ademais, a procura por um médico, dentista ou outro profissional de saúde foi realizada por 17,9% e sintomas associados à COVID-19 foram relatados por 16,1% dos idosos que responderam à pesquisa com um índice de testes de COVID-19 de apenas 2,2%.

Acerca disso, pode-se discutir que o prejuízo causado pela automedicação é aumentado nos idosos, pois, com o avançar da idade, segundo Andrade (2001) as características metabólicas desse grupo alteram e o risco de reações adversas aumentam. Por isso, problemas

como efeitos adversos e interações medicamentosas podem ser ampliados e antecipados.

Ademais, as principais causas da automedicação nesse grupo são; a baixa conscientização acerca dos riscos que essa prática apresenta e a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, tanto pelas condições físicas quanto pelo custo e processo.

A pandemia do SARS-Cov-2 trouxe ainda mais favorecimentos a essa prática pelos idosos, pois, o medo e as informações errôneas sugerem um aumento dos índices. Antes a automedicação possuía, de acordo com os estudos apresentados, uma taxa variante de 14% a 23% nos 7 dias anteriores a pesquisa. No qual, mesmo com os idosos apresentando um estado de saúde regular ou relatando considerarem essa prática perigosa, eles ainda faziam uso de medicamentos, como os analgésicos e anti-inflamatórios, sem prescrição médica para tratar eventuais dores e inflamações que não possuíam anamnese adequada. Assim, durante a pandemia os idosos, que em sua maioria já possuíam pelo menos uma doença crônica não transmissível, relataram sentir piora no estado de saúde, sendo estabelecido por Romero et al. (2021) como uma influência do estado emocional abalado dos indivíduos. Esse sentimento de piora juntamente com o aumento da incidência do vírus no Brasil colaborou com a maior necessidade de buscar prevenção e tratamentos para a COVID-19, mesmo sem o conhecimento adequado das eficácias e seguranças. Aumentando assim, a automedicação e a classe de fármacos utilizados para este fim. Desse modo, os medicamentos mais usados foram a ivermectina, a cloroquina, a hidroxocloquina e a dexametasona. Como discutido nos artigos analisados, os três primeiros medicamentos após vários testes demonstraram não possuir eficácia, além de não serem seguros para ingestão preventiva ou terapêutica do SARS-Cov-2, por seus efeitos colaterais potencialmente fatais em pessoas que possuem fatores de risco. Ademais, o próprio coronavírus já é um fator de risco, pelo seu teor inflamatório, causando ainda mais problemas aos infectados. Dessa forma, o único medicamento mencionado anteriormente que demonstrou eficácia terapêutica quando usado adequadamente no período correto da infecção, foi a dexametasona.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da automedicação em seu contexto geral já proporciona inúmeros resultados prejudiciais, juntando isso ao organismo e fatores de risco típico dos idosos, a combinação tende a ser ainda mais danosa. Assim, as reações adversas e interações medicamentosas, principais prejuízos causados pela automedicação, tendem a ser mais intensas na classe idosa. As consequências desses, pode resultar em graves problemas.

Ademais, após o surgimento do vírus SARS-Cov-2 a ingestão de medicamentos por conta própria foi ainda mais relativizada, visando prevenir e tratar a doença, mesmo não existindo certezas sobre a eficácia e segurança dos fármacos. Sobre isso, sugere-se o aumento do índice da automedicação por idosos, pois, foi relatado uma desestabilização do estado de saúde físico e mental deles durante a pandemia, o que pode ter provocado a maior procura pelos medicamentos recomendados como milagrosos.

Em suma, cabe destacar a necessidade de mais pesquisas acerca da saúde emocional e física dos idosos durante a pandemia. Além disso, é necessária uma maior promoção da atenção farmacêutica voltada a essa classe, para que se possa obter um uso mais racional dos medicamentos. Esses acontecimentos são essenciais para que se possa iniciar medidas para a prevenção de possíveis problemas acarretados pelo uso de fármacos irracionalmente durante a pandemia da COVID-19.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marcieni Ataíde de; Silva, Marcos Valério Santos da; Freitas, Osvaldo de. Assistência Farmacêutica como Estratégia para o uso racional de medicamentos em idosos. **Semina Ciências Biológicas e da Saúde**. 2004, v. 25, n.1, p.55-63. Disponível em: <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/download/3626/2930>>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado *et al.* Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. **Revista de Saúde Pública** [online]. 2016, v. 50, n. 2. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117>>. Acesso em: 03 de julho de 2021.

FERREIRA, Leonardo L. G.; ANDRICOPULO, Adriano D. Medicamentos e tratamentos para a Covid-19. **Estudos Avançados** [online]. 2020, v. 34, n. 100. p. 7-27. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.002>>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

FILHO, Paulo Sérgio da Paz Silva *et al.* The risks of self-medication in the elderly affected by coronaviruses and other respiratory syndromes. **Research, Society and Development**. v. 9, n. 7. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4211>>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

GARCIA, Antônio Leonardo de Freitas *et al.* Self-medication and adherence to drug treatment: assessment of participants of the Universidade do Envelhecer (the University of Aging) program. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia** [online]. 2018, v. 21, n. 06, p. 691-700. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-22562018021.180106>>. Acesso em: 03 de julho de 2021.

IMPACTOS sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. **Fundação Oswaldo Cruz**, 2020. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>>. Acesso em: 02 de agosto de 2021.

JÚNIOR, Edivan Lourenço da Silva; Gonzalez, Luisa Fernanda Camacho. Automedicação e Efeitos Psicológicos em Idosos Durante o Isolamento Social. Atena, Paraná, 2021. Disponível em: <<https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/49614>>. Acesso em: 08 de Agosto de 2021.

MELO, José Romério Rabelo *et al.* Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-1. **Cadernos de Saúde Pública**. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/tTzxtM86YwzCwBGnVBHKmrQ/?lang=pt>>. Acesso em: 08 de agosto de 2021.

MONTEIRO, Sally Cristina Moutinho; Azevedo, Luzimeire Santos de; Belfort, Ilka Kassandra Pereira. AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS DE UM PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA, BRASIL. **Infarma - Ciências Farmacêuticas**. 2014, v. 26, n. 2, p. 90-95. Disponível em: <<http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=579>>. Acesso em: 23 de agosto de 2021.

POPP, Maria *et al.* Ivermectin for preventing and treating COVID-19. **The Cochrane database of systematic reviews**. 2021, vol. 7, n. 7. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8406455/>>. Acesso em: 22 de julho de 2021.

RATIONAL use of personal protective equipment for coronavirus disease (covid-19) and considerations during severe shortages. **World Health Organization**, Geneva, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbso/a/XMb5ddFXbpwB3CQxtPD3VBD/?lang=pt>>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

ROMERO, Dalia Elena *et al.* Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. **Caderno de Saúde Pública** [online]. 2021, v. 37, n. 3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00216620>>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Islany Dynara Diogenes *et al.* Acesso e implicações da automedicação em idosos na atenção primária à saúde. **J. Health NPEPS**; v. 4, n. 2, p. 132-150, jul.-dez. 2019. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1047614>>. Acesso em: 01 de julho de 2021.

SILVA, Yara Almeida; FONTOURA, Ricardo. Principais Consequências da Automedicação em Idosos. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**. 2014; Janeiro-Junho (1): 75-82. Disponível em: <<http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/118/70>>. Acesso em: 03 de julho de 2021.

SHAH, Rashmi R. Chloroquine and hydroxychloroquine for COVID-19: Perspectives on their failure in repurposing. **Journal of clinical pharmacy and therapeutics**. 2021, v. 46, n. 1. p. 17-27. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7537228/>>. Acesso em: 20 de julho de 2021.